

BOLETIM DE PESQUISA NELIC

Vº 9 - Nº 14

Traduções

GRANDEZA DO CERIMONIAL

Georges Duthuit

Lençóis corretamente estendidos, azul leve sobre azul pesado... papel de confeitaria comprimido em guirlandas... tecido de algodão recortado em bandeiras... a cidade se fantasia, com poucas despesas, numa cidade de alegria. A rua das grandes lojas, por outro lado, pinta-se de dourado, causando espanto. Sobem nos balcões, nos telhados e nas colunas, elefantes e marechais de campo de gesso prateados, maiores que o natural, Vitórias e exploradores. Fixados pelo objetivo em todos os estágios da frigorificação, os grandes senhores de chapéu e suas famílias dispõem-se ao redor do trono, ao longo das vitrines, entre as sombrinhas, as ligas das meias e os manequins sorridentes. Consternado por causa destas coisas, o intelectual refugia-se, com seus livros, numa fundação. Mas vinte aparelhos de rádio contrariam sua evasão. Eles gritam que a Inglaterra é feliz, feliz por se despedaçar. As casas já tremem, os paralelepípedos se deslocam. A Inglaterra só tem uma garganta. Os olhos brilham em honra do cortejo, e os barretes, e o rei. Como falar sobre o esplendor dos vestidos? Aquele da rainha tem reflexos em prata. Os sinos tornam-se mais leves, o sol se põe, a princesa Elizabeth

passa, fresca como uma bétula de maio. Soldados, sempre soldados, depois o vazio, depois o Arcebispo: Londres e Jerusalém, num próximo futuro, farão um só. Envolto por ingênuos chapins, os coros masculinos aclamam estas declarações. Os órgãos, por um momento acalmados, recomeçam. Faz-se necessário, para acabar com isso, colocar em ação os canhões, soar as trombetas e que o céu desabe sobre nossas cabeças, graças às vociferações... Após Shakespeare, o intelectual, desolado, questiona-se:

*O que possuem os reis que os súditos não têm,
Se não forem estas grandezas, e estas pompas
públicas?*

Reconheçamos que os prestígios da coroa visam abaixo da razão e imprimem-se, diretamente, nos sentidos. Eles não são menos perfeitamente autênticos. Uma música sem paixão dominante, desde Purcell, uma pintura, desde Holbein e Van Dick, vendida ao mundanismo, e que fracas tentativas revolucionárias, mais tarde, não conseguiram devolver à saúde, uma poesia feita para os píncaros mas

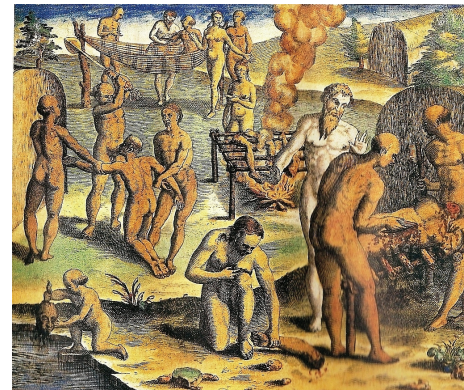
que a corte nunca soube reter, o que sobraria para a monarquia sem as pompas do cerimonial? Mas, aqui a Inglaterra triunfa. Extensos concursos de trajes bem talhados ao redor de um puro sangue ou de um barco a velas, casamentos decorativos, tribunais de ostentação, festas de aniversários ou de funerais, a ilha do cetro constitui, ainda, na queda geral das maneiras, o último baluarte da alta gala e das harmonias coletivas. O criador da Austrália, o cultivador de Somerset, o clérigo de Shoredith, assim como os sultões de Jahore ou de Zanzibar, sentem a grandeza do drama representado em suas intenções pelos primeiros atores do reino, envolvidos por regimentos de dançarinos hieráticos, vestidos como soldados, numa profusão de jóias, de sedas e de arquiteturas vivas, capazes de transformar em apoteose um cadáver ou um casal de casados.

A cada manhã, com as batidas de dez horas e meia, no pátio do Palácio de Buckingham, naquele do palácio de Saint-James, quando o estandarte real está ausente, opera-se a retirada da guarda, uma obra-prima discreta, de

precisão. Os homens que participam desta representação não são mais donos de si próprios. Qualquer que seja a tirania da atitude, um joelho elevado à altura da cintura, o antebraço suspenso na linha da espada, os olhos muito abertos, transpassados pelo sol, cada detalhe do aparelho do vestuário – chapéu monumental, tecidos pesados colantes, leves ornamentos de metal – adverte o autocontrole de seus menores desmaios, previne o corpo de um imperceptível distúrbio. Renunciando ao particular de seu caráter, cada uma destas resplandecentes marionetes viu-se gratificar pela unidade vital na qual ela se insere, com uma reserva fabulosa de energia. Assim que uma sentinela avança, com seu compasso de autômato, como ausente deste mundo, os espectadores afastam-se, tomados por uma espécie de terror. A suntuosa máquina vai escavar seus postos, atravessar o muro oposto! Nada acontece: o alucinado arremessa três vezes seus calcanhares ao nível do jarrete e reparte na direção contrária, sempre sem nada ver, como se o universo só fosse uma rota reta, aberta à sua majestade. O destacamento sacode-se na porta central, precedido de sua fanfarra, carregado de maciças peles,

erichado de pontas de aço, os pés parados em suas fileiras e contestando a carga, dir-se-ia que o enorme bloco humano escorrega vagarosamente, de um só empurrão, roçando a terra com a doçura terrível de uma avalanche e pronto para precipitar-se sobre a cidade.

x



Exaltar o espírito de corpo, ajudar no desenvolvimento das qualidades morais mantidas como essenciais ao sucesso em tempos de guerra, tal é o objetivo fixado para estes desfiles pelo Manual do Cerimonial, redigido para o uso do exército. Estas manobras das quais se admira a suprema graça formaram-se, graças a séculos de preparação

minuciosa, nas fronteiras da morte¹. De onde a dificuldade na qual se encontram os críticos, os olhos untados de óleo rançoso e colados a assinaturas de pintores famosos, de obter um lugar na filosofia deles, a esta criação anônima, tão notável contudo pelo seu duplo caráter de exuberante riqueza e de elevada distinção. Mesmo revestida de sublime, a ação repugna ao esteta. Para melhor entregar-se aos prazeres do sonho e às facilidades da análise, ele renuncia à natureza no que ela tem de vigorosa e perigosa. Mas qual o efeito se uma destas formidáveis estátuas de diorito, de cobre e de mármore branco, coberta da plumagem escarlate, descer um dia de seu nicho de Whitehall e penetrar por engano numa exposição de impressionistas, e os quadros desaparecerem instantaneamente, devorados numa tempestade de risos.

¹ Caillois já insistiu (em “O vento do inverno”) sobre as exigências de uma etiqueta. A mesma distinção diante da morte serve de artigo central à estética que Leiris desenvolve em *Espelho da Tauromaquia* (nota de Denis Hollier).

Os acontecimentos da existência cotidiana que, graças às estritas prescrições do regulamento, assumem aqui formas tão amplas, tão transparentes e tomam um estilo válido para todos os tempos e para todos os lugares— a entrega de uma chave, a transmissão de uma ordem, a troca de um sentinela—faz-se necessário para eles, para se revelar livremente, não o espaço ilusório de uma cena reduzida às suas três dimensões, mas a própria extensão, cercada do céu à calçada, com seus passantes, seus conjuntos de pedras e atravessada às vezes por um vôo de gaivotas. A disciplina produziu ao menos este milagre: dar ao lugar público a solenidade de um templo e fazer de um rústico de vilarejo, após alguns meses de exercícios, um ídolo deslumbrante que apenas as crianças pequenas ousam olhar de frente, sem esconder sua admiração.

x

Esta capacidade dominada, gasta com uma sábia lentidão, sem esperança alguma de recuperação; estas tonalidades fascinantes; estas vozes transportadas à sua

tensão máxima descarregada com violência; estes atributos de um esplendor primitivo, feitos de metais brilhantes, de pêlos e de peles de bestas; as sonoridades quase selvagens do pífano ou da flauta associado aos tambores; esta juventude atlética, incessantemente renovada e que se sabe prometida à ossatura, sob a fé do juramento, tudo isso age sobre as multidões, um instante desprendidos de seu torpor e de seus empregos do tempo, à maneira de um afrodisíaco. Rompidas a ereção militar e a tensão da etiqueta, desamarrados os últimos cordões da polícia, um calor de comunhão subsiste e o povo honesto, obediente e pacífico, reconhece menos timidamente que ele possui uma carne e instintos. Que o ciclo da vida se cumpra. Um jornalista nota com surpresa que os magistrados de Southport, com a intenção de honrar o Jubileu, permitem às crianças de mais de quatorze anos, assistir a filmes permitidos apenas aos adultos. Escutam-se, à noite no Hyde Park, convertido em dormitório, os alaridos e as lamentações do prazer. No interesse da multidão, os sexos se aproximam e se aprovam sem fazer muita distinção. Próximo à Piccadilly, no ponto em que a circulação é

retomada, a tropa de ônibus, afastando-se da passagem, projeta clarões no fundo de um carro. Lá, um adolescente lívido, engravatado de branco e com os maxilares cerrados, deixa-se deliciosamente torturar por uma bacante que eleva ao céu olhos de dramaturga, seu ombro ferido e uma coxa fosforescente jorrada de uma torrente de rendas negras. Os espectadores colados nas portinholas olham, galvanizados, indiferentes, cúmplices. As barreiras do bem e do mal acabam de saltar. Cibeles chega com seus tigres, seus címbalos, suas convulsões, estes homossexuais que urram.



O Ocidente ressuscitado acaba com seus subterrâneos, joga ao vento seus contratos, suas faturas e reencontra um ditoso delírio no incêndio de seus móveis e de seus parlamentos.

O grande feiticeiro canta em meio aos anjos e arcanjos, ele não pode se enganar. O rei, despido por ele de suas roupas terrestres, após coberto pela toga do dever e da

vestimenta do adeus, levanta-se, habitado por Deus. Ele parte, animado pelo espírito de santo espanto e de bom conselho. Na sua mão, brilha o sabre da Justiça. Vá. Proteja a viúva e o órfão. Acaba com a iniquidade no seu crescimento. Espalha sobre nossas faces sujas pelas labutas, os fogos do amor e o bálsamo do conforto. “May the king live for ever”. Após tantas proezas, o rei não morrerá mais.

Ainda ontem o senhor James Borret, jornalista, com a idade de setenta e sete anos, tomado por tremores e pânico, teve que fugir, enquanto que o soberano vinha fazer uma visita de consolação, quase de surpresa, no bairro de leprosos no qual ele morava. O senhor James Borret havia já visto muitas Majestades, com seus próprios olhos. Ele sabia, com a certeza da fé, que ele cairia fulminado com a brusca aparição de George-Diocleciano-Jupiter, saído dos mistérios do palácio para honrar seu pobre teto.

Isso é a magia. Na verdade, César não acredita mais na sua onipotência. Jamais ele se apresentará às populações famintas, vítimas de flagelos, com os cabelos cobertos com camadas de ouro, as faces pintadas de

vermelho e branco artificial, disfarçado em Vênus. Jamais, ordenando a decapitação dos favoritos do Grand National ou a destruição da frota de Henley, ele humilhará os ricos, sua ignorância e sua avareza. Jamais seus diplomatas, inimigos do divino acaso, não terão que representar suas existências, em sessões de luta livre, contra condenados à pena capital. O soberano não pensa, de modo algum, aliás, em arruinar o tesouro com o único objetivo de erigir, em todos os pontos de seus territórios, naves e domos transbordando de luz e músicas inspiradas, emolduradas de imagens de ouro e que permitiam às massas, chamadas a uma comunicação definitiva, abordar a vida com um coração sem ganância e olhos desinteressados. Evoluindo na ficção de um vazio político absoluto, César só manteve uma função, aquela de Mestre de Cerimônias.

×

A maior criação do final da antiguidade, dizem os professores, foi a incorporação do teatro ao Estado. Bizâncio, obedecendo ao seu destino histórico, teve, com

efeito, que manter as funções, os postos e as dignidades de todas as competências do Estado que lhe permitissem enquadrar suas possessões ao ponto de vista político e militar. A estas funções, postos e dignidades correspondiam estes signos distintivos da hierarquia que somente podem constituir o adorno e a vestimenta. Por razões aproximadamente semelhantes, a Inglaterra quis recolher a herança do baixo império. Ela se impõe aí, ainda que sua contribuição limite-se à manutenção dos uniformes e na conservação dos antigos rituais, despesas que não encontram quase adversários, mesmo entre os elementos avançados da oposição. Talvez todos sintam confusamente que estes balés sagrados, inscritos no solo da Europa entregue às piores improvisações, dêem ainda um significado de caráter universal aos sentimentos cardinais como o respeito, a confiança, o orgulho, a adoração sem os quais não há comunidade digna deste nome. Certas figuras da apresentação da bandeira, ou da saudação que lhe rendem as tropas evocam, pela nobreza das atitudes e pela imensidão do silêncio, os mais misteriosos episódios da liturgia católica. Aqui, os fiéis penetram no mesmo nível que

os teólogos denominam uma natureza hiperformada, eles atingem a esfera do sobrenatural. O conquistador, feito para a agressão e para a pilhagem, que consente em dobrar os joelhos, a fim de escutar as vozes secretas da fraqueza e da infância, o mundo o coloca ao lado do poeta. Neste sentido, não é o objeto de um novo nascimento? O Rei e Sua Graça de Canterbury poderiam, portanto, executar, bem no momento da consagração, como o desejava um colaborador do Times, inebriado por fórmulas cabalísticas, um ato que ultrapassasse, pela solenidade, a compreensão das pessoas presentes, inacessível mesmo, na sua grandeza, aos dois principais celebrantes.

(Tradução de Maria José Werner Salles. Doutoranda em Literatura, UFSC)
